



# O paraíso no telefone

**M**inha amiga recusou uma viagem de dois dias a um lugar paradisíaco pelo simples motivo de lá não tem sinal para acessar a internet. Ela se apaixonou pelas fotos que viu do local, com muita mata nativa, praia ainda conservada como no tempo do descobrimento e uma pousada confortável. Mas nem isso a convenceu. Preferiu continuar enfrentando os temporais do cerrado.

Deu no jornal que uma mocinha completou dois anos sem usar telefone celular depois que não teve dinheiro para pagar pelo conserto do aparelho. A necessidade a libertou de uma escravidão, até porque os telefones são bem mais inteligentes que muitos donos e vêm causando uma dependência doentia, viciante.

A internet é um depósito de coisas desimportantes, mas é desenhada para mexer com o cérebro humano de diversas maneiras, seja com as conversas entre amigos em aplicativos de mensagens, seja com jogos eletrônicos, passando por notícias de famosos — ou nem tanto — e notas para alimentar discussões inócuas.

Dia desses, aproveitando a Copa do Mundo, foi publicada nota sobre as palavras do *Hino Nacional* que não estão mais em uso corrente. Impávido, lábaro, fúlgidos, florão, garrida, fulguras são alguns dos termos utilizados pelo poeta Duque Estrada — antepassado de um nosso companheiro de copo que, aliás, anda sumido — e que fazem todo sentido para a época em que foram compostos, 1831.



MAURE

Pode-se reclamar das inversões sintáticas das frases, do tom empolado e até de alguns versos bélicos, mas é melhor que o hino espanhol, que não tem palavras. Já tentaram mexer no *Hino* várias vezes, a primeira dela logo depois da proclamação da República, quando um concurso elegeu um novo canto. Não deu certo.

O *Hino* de Duque Estrada e Francisco Manuel da Silva agradava mais ao povo e, como já naquele tempo político não brigava com eleitor, o presidente Deodoro da Fonseca manteve tudo como dantes. Mais recentemente, o maestro Jorge Antunes e o poeta Reynaldo Jardim tentaram emplacar um novo hino. Novamente sem sucesso.

Notas como essa — basta consultar um dicionário para entender as palavras — viciam o cidadão no telefone móvel, criam uma necessidade de saber tudo a todo tempo, enchendo a cabeça com coisas inúteis, preocupando

neurocientistas, que pesquisam as conexões e as novas ligações entre os neurotransmissores.

Minha amiga não parece arrependida de ter dispensado a viagem. Temia a rebordosa de ficar sem saber o que acontece no mundo a todo minuto e deixou de viver uma experiência real, que podia sentir na pele, pelo mundo virtual.

Antigamente, lugares paradisíacos faziam orgulhosa propaganda da falta de conectividade. Na chegada a São Miguel do Gostoso, no Rio Grande do Norte, havia uma placa com os seguintes dizeres: “Aqui vivo está morto, claro é escuro, oi é tchau e não tem tim nem tom”. Era para avisar que telefone móvel não pegava ali. Hoje, todas as pousadas colocam na propaganda que têm acesso à internet e sem fio.

A irreversível conexão via internet é um dos maiores avanços da humanidade, mas tem muita gente que provoca retrocesso.